



O BOM SAMARITANO: PELA PRIORIDADE DO OUTRO

Ramiro Délio Borges de Meneses^{1*}

I. INTRODUÇÃO

Na humanização, o Samaritano não passa ao lado como fizeram o sacerdote e o levita. É interpelado, à queima-roupa, pelo Rosto indigente, nu e “meio morto” (*ημιθλιανῆ*) do Desvalido no Caminho. Diante dessa interpelação, o Samaritano descobre que o sentido da sua liberdade é “ser-para-o-outro”. Assim, o dar-se inexoravelmente está na “responsabilidade poética”, porque respondeu ao apelo: “cuida de mim”, que vem do Desvalido. Mas, segundo este paradigma de humanização, a responsabilidade é *e-ventum* de uma “consciência plesiológica”, que está sempre presente na humanização e que, na verdade, refere-se como o cuidado ao Desvalido “feito” de forma concreta e com esmero. O “Rosto do Outro” (Desvalido no Caminho), que se apresenta pobre, nu e doente, é apelo que vem do Infinito (Pai das Misericórdias). No profundo do olhar do Outro se manifesta o mandamento do infinito: “não matarás”. Tal mandamento é uma proibição e um convite a dar aquilo que possuo. É um convite, em primeiro lugar, a não me apropriar do Outro, como fizeram o Sacerdote e o Levita pela responsabilidade de identidade, porque o Desvalido no Caminho não me pertence. O mandamento é, em primeiro lugar, um convite a acolhê-lo, mas acolher é dar, é reconhecer num mesmo gesto a eminência, a pobreza e a doença de Outrém. Essa é a responsabilidade de alteridade do Bom Samaritano.

O acolhimento do Rosto é uma situação – *πρόσωπον πός πρόσωπον* – que é ao mesmo tempo metafísica e ética. Reconhecer o Infinito (Deus-

^{1*} Ramiro de Meneses (Dr.). Investigador do Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal, dr.ramiro@sapo.pt .

Nota do revisor: os detalhes característicos da língua portuguesa de Portugal foram preservados, respeitando a nacionalidade autor, uma vez que não prejudicam a compreensão do texto.

Pai das Misericórdias) é ir ao encontro daqueles pelos quais Ele me interpela. É que a nudez do Rosto do Desvalido abre-se à humanização. Naquela veemência do Rosto fala-me o Rosto do Pobre, do Órfão, da Viúva, do Estrangeiro e do Doente. Em toda a humanização, estes estão na mesma condição de miséria, de pobreza ou de doença, como desvalidos pelo caminho da dor e do sofrimento.

Pelos caminhos da humanização, diante do Rosto, Eu (Samaritano) sou chamado, mandado, traumáticamente mandado para servir (como o médico que trata do seu doente).

Abre-se, com efeito, a partir do Rosto, uma nova dimensão, a da responsabilidade de alteridade, que traduz o amor de “des-interesse” de um Samaritano por um “semi-morto” (responsabilidade agápica); sendo o amor de “éros” dado na responsabilidade de identidade, representado nos personagens da parábola: *nomikós*, Sacerdote, Levita e salteadores. O Outro, no âmbito da humanização, em cujo rosto brilha a presença do Infinito, convoca-me ao seu serviço, convoca-me a testemunhar, a ser no mundo palavra profética. O *Ἐγὼ εἶμι □ αὐτός*, para te servir, será a “resposta” do Samaritano (tal como o médico competente serve e cuida do doente confiante) ao Desvalido no caminho da doença segundo a nova humanização. “Ser-para-o-outro” (Samaritano bom) é ser testemunhado por um Outro, cuja mensagem me atingiu e me faz ser para ele. É o nascimento da inter-subjectividade que se instaura na responsabilidade pelo Outro. Esta será um “dar-se inexoravelmente” como um Samaritano se ofereceu ao “semi-morto”. Aqui reside o sentido da humanização pela leitura levinasiana da parábola do *Homo Viator*. Será necessário que a humanização viva numa comunidade fraterna para estar à medida da rectidão, da proximidade por excelência, na qual o Rosto (Desvalido como doente) se apresenta ao meu acolhimento (Samaritano).

Lévinas apresenta assim uma ética de alteridade que nasce no primeiro mandamento, aquele que está inscrito no Rosto como condição de acolher o Infinito e que me chama à minha responsabilidade. Pela humanização instaura-se uma dinâmica de êxodo, de uma responsabilidade nunca demasiado responsável, porque se inscreve na missão do justo. Mais sou justo, mais sou culpado. Ou, então, referindo-se às palavras de Dostoyevsky nos *Irmãos Karamazov*: “todos somos responsáveis por todos e eu mais que todos os outros”. O apelo (*Eingabe*) e a chamada ao Outro me colocam numa situação de unicidade. Sou único, sou feito para servir (desse modo cuidou o Samaritano do “semi-morto”, usando azeite e vinho).

Assim, segundo Lévinas, eu sou único porque sou eleito e

o Outro é único porque é amado. Da mesma forma na humanização, o Outro (Desvalido) como doente é único porque é amado e servido pelo Samaritano (médico). O ícone de referência é o Bom Samaritano, tal como aparece desenhado na parábola de S. Lucas (10.25-37). Ele é o que não vê com preconceitos. É o que se aproxima do Homem que sofre. E, porque se aproxima, é que vê bem; e porque vê bem, comove-se; e porque se comove, debruça-se sobre Ele para lhe dar vida. Ele é o que dá “prioridade ao Outro”, esquecendo-se de si mesmo e dos seus próprios afazeres. Ele é o que não passa ao lado. Tudo o que faz, fá-lo desde o fundo das entranhas, com um amor entranhado ou maternal, porque vem dos *rahamim*. Logo, o doente, frágil e necessitado está para o Bom Samaritano, em primeiro lugar, tendo precedência sobre ele.

II. PELA RESPONSABILIDADE DO OUTRO

1. A “responsabilidade”: um dar-se inexoravelmente

Responsabilidade, enquanto resposta (*re-spondere*), é o peso que a subjectividade carrega. Por outras palavras, a responsabilidade como não qualificação é o ser da subjectividade. É o sofrer pelo Outro. Significa ser responsável por Ele, suportá-lo, estar no seu lugar, consumir-se por ele. A subjectividade é uma responsabilidade pelos Outros como vulnerabilidade extrema.

A tese, desenvolvida por Lévinas, dá ênfase à “responsabilidade” do Eu em relação ao Outro até chegar à “substituição”, o “para-o-outro” do desvelamento, da mostração ao Outro, convertendo-se em “para-o-outro” da responsabilidade.²

Portanto, a responsabilidade, enquanto princípio de individualização, é a impossibilidade de não-indiferença e de abandono ao próximo que se “aproxima”. A responsabilidade, pelo Outro-homem, é a impossibilidade de deixá-lo sozinho no mistério da morte e, concretamente, através de todas as modalidades do dar, suscepção do “dom-último” de morrer por Outrem.³ De uma maneira geral, ser responsável por alguém não depende da decisão pelo *re-spondere* em relação ao qual se compromete.⁴

Com efeito, a responsabilidade que Lévinas propõe não é medida por “compromissos”, é antes anterior a qualquer compromisso. É uma

2 Cf. E. LÉVINAS. *Éthique et Infini*, p. 152-153.

3 Cf. *Ibidem*, 112.

4 Cf. P. KNAUER. *Para compreender a nossa Fé*, trad. do alemão. S. Paulo: E. Loyola 1987, p. 200-201.

responsabilidade vivencial que não se fecha num código de decisões livres.

Uma tal responsabilidade é, por tudo e por todos, aquela que investe o “eleito”, sem esperar pelo seu assentimento, sem que tenha tempo para discutir. Aparece como subjectividade investida em que a metáfora mais adequada vem de Isaías: *Εγώ εμι* □ *αυτός*.

Em *Totalité et Infini*, esta identificação far-se-ia mediante a “fruição” num contentamento de si e agora pela identificação. Faz-se num sentido inverso e exterior: “Eis-me aqui”. O “envia-me” clarifica-se na subjectividade de Um para o Outro, obtido num “*autrement qu’être*” do eleito. Este se coloca na ordem da responsabilidade, não se decifrando para decidir nada a seu respeito. Uma tal eleição assemelha-se a uma carga obsessiva e inquietante, que interdita o repouso. Aquilo que faço, ninguém pode fazer no meu lugar. O eleito não pode fugir à responsabilidade.

Mas, o contexto de Lévinas coloca a noção de responsabilidade no centro do imperativo ético, dado que é a partir do Outro que a liberdade recebe o seu estatuto. Por tal motivo, a responsabilidade está no coração da ética, porque a relação com o Outro, antes de ser recíproca, é “assimétrica” no sentido em que o relacionamento entre o Eu e o Tu é interpretado a partir do Outro e não de si mesmo.⁵

A eleição para o serviço enraíza-se na passividade, que faz com que cada um de nós seja responsável pelo seu irmão, mesmo quando a nossa liberdade o recuse.⁶

O despojamento do Eu consiste numa responsabilidade irrenunciável pela sorte do Outro-homem. Assim, essa passividade mais passiva que qualquer passividade reside na obsessão da responsabilidade pelo “outro-homem” oprimido, que compreende não só o que o “Outro-homem” sofre, mas o que livremente elege.

Eu devo receber quem se apresenta para mim como vivência de alteridade (imperativo ético). O “des-valido” estende-me a mão, olha-me (Samaritano) e diz-me: “Preciso de ti!”.

Quando o Outro se entrega a mim, liberta-me e dá-me a vida e a salvação. O Samaritano só encontrou a sua identidade quando *re-pondit* pelo moribundo do caminho de Jerusalém a Jericó.

Logo, Jesus Cristo está naquele Outro que a mim se dirige. Pelo Novo Testamento, surge a prioridade ao Outro sobre mim. O pobre, o moribundo, o “des-valido” na estrada, é Aquele que é imperativo ético (de

5 Cf. C. ZUCCARO. *La Vita umana nella riflessione etica*. Brescia: Queriniana 2000, p. 40-41.

6 Cf. M. Conceição SOARES, *Emmanuel Lévinas e a obsessão do Outro*, p. 179.

alteridade) e me provoca.

Naquele Rosto, não temos uma representação, mas antes uma epifania. Há nele uma presença ausente, a idéia de Infinito que ordena. É um Rosto completamente nu e indefeso, que nos lança na intriga e nos leva ao Infinito.

Porventura, a nudez deste Rosto tem significado em si, além da abertura ao transcendente, como abertura ao pobre, ao doente, ao marginal. Enquanto Outro, o “rosto” é o homem da rua, é o primeiro que chega e aparece (“des-valorado” no caminho).

A glória de Deus manifesta-se no Rosto do sacrificado. Na fragilidade do Outro, do pobre e do doente está o verdadeiro poder salvador. Por isso, o Rosto do Outro nunca me deixa indiferente. Logo, perante o Rosto do Outro (desvalorado no caminho – Jesus Cristo) só poderei ter uma atitude: *Εγώ ειμι □ αυτός*.

De outra maneira, o “eis-me aqui” de Isaías, que se apresenta como resposta, está expresso na narrativa do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37). Este não vive para si e a partir de si, debruçado sobre si mesmo, mas vive para o Outro e a partir do Outro, não com preocupação auto-realizadora e de auto-satisfação, pelo proveito próprio ou pelo lucro, mas destituindo-se de si para servir incondicionalmente o Outro pelo “fazer” do Samaritano.⁷

O acolhimento do Outro não é mera contemplação, mas uma dádiva porque acolher o Outro é oferecer-lhe o meu mundo. Este despojamento do Eu, que aparece na parábola, consiste numa “responsabilidade” irrenunciável pela sorte do Outro-homem.

Lévinas vai descobrindo a condição de subjectividade, desde sempre “afectada” pela obrigação para com o Outro, pelas significações seguintes: perseguição, expiação e substituição.⁸

A subjectividade constitui-se na passagem da perseguição à expiação e à substituição: o sujeito é um “refém”. Substituição que não é alienação, mas inspiração pela qual o próprio Eu se transcende e dilui a sua essência em favor do Outro.

Assim, a justiça só tem sentido se conservar o espírito do “des-interesse” que anima a idéia de responsabilidade pelo “outro-homem”. A subjectividade, ao constituir-se no próprio movimento em que lhe incumbe ser responsável pelo Outro, vai até à substituição por Outrém. Assume a

7 Cf. A. COUTO. Desafios bíblicos à prática da vida humana e cristã, uma leitura de Lc 10, 25-37. In: *Igreja e Missão*, 187 (2001), p. 197.

8 Cf. G. RÖMPP. Verantwortung als Obsession?. In: *Theologie und Philosophie*, 74 (1999), p. 536.

condição ou a incondição de “refém” e responde até expiar pelos outros.⁹

A subjectividade é a instauração de um ser, que não é para si, mas é para todos. O “ser-para-todos” significa simultaneamente ser e desinteresse como responsabilidade pelos outros. O Eu dominado pela obsessão do Outro, como responsável, torna-se “possesso” sem eira nem beira e em nómada.¹⁰

Lévinas diz que a liberdade já está chamada e promovida à responsabilidade pelos Outros. A responsabilidade pelos Outros, anterior a todo o “compromisso” e a qualquer decisão, aparece como imposição ou como eleição. A alteridade do Outro-homem ecoa na minha responsabilidade. Assim se rompe a ordem homónima do ser e alcança-se a singularidade única e irreduzível de cada ser humano.¹¹ Esse responder não se revela como fruto da liberdade, será anterior à distinção entre ser livre ou não livre. É, com efeito, uma responsabilidade antes de qualquer iniciativa e encontro-me com o Outro nessa responsabilidade.¹²

A responsabilidade é a adopção de uma presença e o preenchimento da mesma, mais especificamente é essa “presença-mesma”. Se não respondo por mim, tudo se desvanece num anonimato universal.

Segundo a leitura talmúdica, a responsabilidade mostra-se como constituição da identidade própria, sendo a génese e o fundamento como atitude estruturante. Assim, a responsabilidade é a razão de um processo de “auto-identificação”, sendo de natureza “dia-lógica”.

A responsabilidade é a resposta indeclinável pelo “outro” e um dar inexorável. Existe o paradoxo de uma responsabilidade da qual eu não sou responsável. Tal asserção leva-nos a pensar que existem três concepções de responsabilidade. Por um lado, a concepção corrente, a de uma “responsabilidade por imposição” e, por outro, a de uma “responsabilidade assumida”, e, finalmente, a concepção de “responsabilidade anárquica”, que precede toda a iniciativa pessoal e toda a intervenção prévia da liberdade.¹³

Pela figura mítica de Caim, a quem Deus pergunta: “Onde está o teu irmão Abel?”. Aquele responde: “Não sei. Serei eu o guarda do meu irmão?”.

A resposta, na sua negatividade, é altamente reveladora de uma

9 Cf. E. LÉVINAS, *Éthique et Infini*, p. 103-105.

10 Cf. G. RÖMPP, *Verantwortung als Obsession?*, p. 537-539.

11 Cf. J. A. TUDELA, Porqué escuchar a Lévinas? In: *Studium, Filosofia y Teología*, 4 (2001), p. 147-180.

12 Cf. E. LÉVINAS, *Éthique et Infini*, p. 101-102.

13 Cf. R. SIMON, Vers une nouvelle approche de la responsabilité. In: *Église et Théologie*, 26 (1995), p. 17-18.

“responsabilidade” que Caim não “escolheu”. Caim não pediu para ser responsável do seu irmão. É responsável dele, como de todos os outros em virtude desta fraternidade originária que ultrapassa o parentesco.

Biblicamente, Caim é incapaz de reconhecer a benção concedida ao seu irmão. A narrativa veterotestamentária dá a entender que Caim não compreendeu que a presença de Abel era uma Aliança, porque é dele que recebeu a vida.

Como dom, Deus oferece a benção à humanidade, pelos Patriarcas do Antigo Testamento. O eleito, ao recebê-la, oferece-a a comunidade e, finalmente, o não-eleito (Caim) deveria alegrar-se com a benção e pela escolha que Deus faz do eleito.¹⁴

Segundo A. Couto, Deus confia nos homens, no eleito e nos outros, escolhendo entregar-se a eles, a acolher e a oferecer a alegria da salvação. Daqui, a necessária responsabilidade de cada vértice do triângulo: Deus, o eleito e o não-eleito.

O fundamento da responsabilidade, para Lévinas, reside naquilo que a “eleição” confere. Sentir-se como “eleito” é fazer parte da Aliança e ser único, como sujeito-escolhido, na condição de “refém”.¹⁵ A eleição, expressão da responsabilidade, nomeia-se nas seguintes flexões: consumir-se, entregar-se, etc.¹⁶

A responsabilidade supõe o reconhecimento da Aliança, dado que somos recebidos como “dom”. Exige-se, assim, uma responsabilidade que faça da “resposta” uma tarefa (*Aufgabe*). Perante essa responsabilidade, o Desvalido no Caminho (semi-morto) constitui-se como “*Gabe*” (dom) e o Samaritano apresenta-se como “*Aufgabe*” (contra-dom/tarefa). A responsabilidade é uma “*Vorgabe*” (afirmação), aparecendo como “condição para a misericórdia”, que vem de Deus-Pai, através do Desvalido, para o Samaritano. Finalmente, há uma “*Eingabe*” (petição/apelo) pelo silêncio e pelo sofrimento do Outro (desvalido). Porém, o Samaritano, pela eleição do Desvalido, realiza uma “*Vergabe*” (entrega) pela comoção ou estremecimento das vísceras, aplicando óleo e vinho e curando-lhe as feridas (Lc 10.33-34). O Samaritano, pela responsabilidade, “entrega-se” ao Desvalido no Caminho, porque Este se entregou primeiro ao Samaritano.

O Sacerdote e o Levita foram a ausência do dom e realizaram a “*Übergabe*” (rendição) e perderam-se na responsabilidade de “identidade”.

14 Cf. A. COUTO. Da cobiça à aliança – uma leitura de Gn 4-11. In: *Igreja e Missão*, 189 (2002), p. 20-21.

15 Cf. A. WENIN. *L'Homme biblique*, trad. do alemão, Paris, É. du Cerf 1999, p. 53.

16 Cf. E. LÉVINAS. *Humanisme de l'autre homme*, p. 112-125.

Toda a parábola, única nos sinópticos, é uma Palavra que foi *eventum*, marcando o acontecimento da “palavra”. O Bom Samaritano surge na proximidade da Bondade e do Bem por causa da “Gabe” divina que se tornou humana.¹⁷ Na verdade, somos muito semelhantes aos ladrões, ao Sacerdote e ao Levita da parábola. Vemos quase sempre o Outro pelo lado da utilidade que pode ter para nós, ou simplesmente para nos desviarmos dele, por já nada vemos nele que nos interesse.

Logo, a responsabilidade pelo Outro se refere como uma “eleição”. O eleito nada faz para ser bom, ele é solicitado pelo Bem na proximidade. Assim se passou com o Samaritano que foi “eleito” pelo Outro, no caminho, porque Este o chamou. O protagonista é o Desvalido. A esta parábola deveria chamar-se “narrativa do Desvalido no Caminho” com um subtítulo: o Samaritano pelo comportamento misericordioso, podendo, também, denominar-se narrativa do *Homo Viator*. A responsabilidade, assim compreendida, ultrapassa a fundada sobre uma “livre escolha”. Aqui está presente uma responsabilidade de Infinito, uma responsabilidade por tudo e por todos. A minha responsabilidade é anterior à minha liberdade na medida em que sou chamado a responder ao “amor”.

A liberdade não se fundamenta num “*guter Wille*”, como em Kant; mas, no pensamento de Lévinas, subordina-se a uma exterioridade. Nem Deus isenta e liberta o eleito da responsabilidade pelo Outro.

O homem livre, como o Samaritano, é alguém que está votado ao “próximo”. A obediência ao mandamento do Outro não significa qualquer forma de tirania ou escravidão, mas “responder” à “Palavra-acontecimento” (Jesus Cristo) que me interpela. A Palavra, a verdadeira palavra, na sua essência, é mandamento, que, segundo Lévinas, constitui o homem na situação ineludível de interpelação obediente e responsorial.

Este mandamento não é uma autonomia, referido como imperativo categórico.¹⁸ Aqui é um imperativo ético, que se vivencia como imperativo do “des-valido”. O mandamento ético prescreve o “amor” e é para o “amor”. A responsabilidade, biblicamente compreendida, não é nem pode ser um produto da história, da cultura ou da natureza.

A vontade será livre de determinar a “responsabilidade” no sentido que se desejar, mas não rejeitará essa mesma responsabilidade,

17 Cf. N. NEUSCH. Emmanuel Lévinas: responsabilité d’Otage. In: *Nouvelle Revue Théologique*, 116 (1994), p. 574.

18 Cf. I. KANT. *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*. In: *Kant Werke*. Vol. VI, Darmstadt : Wissenschaftliche Buchgesellschaft 1956, p. 87-89; Cf. M. RENAUD. A historicidade das Normas Morais. In: J. H. Silveira de BRITO (coord.). *Temas Fundamentais de Ética*. Braga : Universidade Católica Portuguesa 2001, p. 18-22.

desconhecendo o mundo palpável em que o Rosto do Outro a introduz. Assim sendo, a responsabilidade é aquilo que exclusivamente me incumbe e que humanamente não posso recusar.¹⁹

Assim, a infinitude não está na liberdade, reside sim na responsabilidade. A liberdade constitui-se e é permitida pela responsabilidade.²⁰

A responsabilidade pelo Outro não pode ter início no meu “mandamento” ou na minha decisão. A responsabilidade ilimitada, na qual me encontro a mim próprio, vem do lado mais elevado da minha liberdade, de um anterior a toda a memória e de um ulterior a toda a realização.²¹

O Samaritano deixa-se encontrar pelo “semi-morto” (Jesus Cristo) ao “remexerem-se as vísceras” (misericórdia). Foi encontrado e agraciado pelo Desvalido no Caminho. O mandamento do amor fundamenta o *τί ποιήσας do νομικός*.

2. Sacerdote e Levita: pela responsabilidade de identidade

Segundo a parábola, existem dois tipos de responsabilidade, que se traduzem no “compromisso pelo Outro”, expressos nas “responsabilidades” que poderão ser de identidade ou de alteridade.

A “responsabilidade de identidade” começa, logo, na conduta do *νομικός*, que ficara a saber, provavelmente, mais do que queria “fazer” e menos do que queria saber e agir. Mas, ficara a “saber” aquilo que “fazer” para ser “próximo” de alguém. Permanece na sua “identidade”, porque poderá não ter ficado a saber quem era o verdadeiro próximo, o único que nos pode fazer próximos. Até porque as duas perguntas do “legista” não parecem ser inocentes, uma vez que a primeira é para *εκπειράζων* a Jesus (Lc 10.25) e a segunda é para se justificar a si mesmo, afirmando a sua “identidade” (Lc 10.29), como se expressa em: *δικαιωῶσαι εαυτοῦ*.²¹

Logo, as duas perguntas mostram um *νομικός* centrado em si mesmo, auto-suficiente, arrogante, calculista e senhor de si, que quer “agir” antes de “receber” e “ser recebido”, vendo os outros em círculos à sua volta, armando uma cilada a Jesus. O legista preocupa-se consigo e afirma-se pelo “fazer de identidade”.

Se o legista viu o “próximo”, na proximidade de si-mesmo e a partir de si, o mesmo sucedeu com os “salteadores”, que viram *άνθρωπός*

19 Cf. R. BERNASCONI; S. CRITCHLEY (ed.). *Re-reading Lévinas*. Bloomington: Indiana University Press 1991, p. 85-86.

20 Cf. A. T. PEPERZAK et al. *Emmanuel Lévinas: basic philosophical writings*. Indianapolis: Indiana University Press 1996, p. 115-117.

21 Cf. *Ibidem*, p. 117.

τις que descia de Jerusalém para Jericó, como um “objecto”, que poderiam usar e “fruir” aumentando o seu mundo e a sua posse.

Há aqui o sentido levinasiano da “fruição”, tal como a sentiram os ladrões. A fruição aparece neste paradigma de identidade. A “fruição” é a última consciência de todos os conteúdos que enchem a minha vida. Ela abraça-os. Abraça as perguntas e as respostas “de mim”. Em Lévinas, a vida que eu ganho não é uma nua existência, é uma vida de trabalho e de alimentos. São conteúdos que não a preocupam, mas que a ocupam, que a divertem pelos quais ela é “fruição”.²² Os salteadores vivem a fruição do “desvalido”, que é roubado e deixado “meio morto”. Certo homem da parábola não tem dinheiro, nem nenhum poder e os homens do poder e do culto (Sacerdote e Levita) bem o vêem e, uma vez que o vêem, passam para o outro lado da estrada (αντιπαρηπλαθεν). A “responsabilidade de identidade” sabe que aquele “des-valido no caminho” em nada aumentará o seu poder e a sua importância.

O Sacerdote e o Levita, que olham e passam, iriam perder tempo, tirar o espaço cultural (rito do Templo), beliscar o prestígio e manchar as mãos. Aquele “des-valido no caminho” deixou de ser uma “fruição”, pela terminologia levinasiana, passando a ser um “dejecto” da sociedade. O Sacerdote e o Levita vêem-no, e, por o terem visto, afastam-se.

A responsabilidade de identidade marca as condutas dos assaltantes, do Sacerdote e do Levita e mesmo do νομικός, de maneiras diferentes, vivendo todos para si e a partir de si, “agindo”, no seu comportamento, pelo interesse, auto-estima, autoconservação, auto-extensão, auto-realização e auto-satisfação, precisamente naquilo que Lévinas denomina “egoísmo alérgico”, que são os individualismos em guerra uns contra os outros. Todos contra todos.²³

O Sacerdote e o Levita são, na parábola, a expressão do viver a partir do livre curso dos desejos, projectos e instintos, procurando integrar e dominar o Outro para pô-lo ao seu serviço.

O modelo da responsabilidade identitária, em que “me comprometo” só pelos sucessos, insucessos e interesses, apresenta a sua pauta de comportamento (intrínseca e/ou extrínseca) revelada, metaforicamente, no Sacerdote e no Levita, que não se detêm e seguem em frente. O “des-valido” é considerado um ser sem categoria, sem dignidade, sem posição, como um estranho, não pertencendo ao seu “in-group” e/ou “out-group” e ao seu ciclo de amigos. Isso quer dizer que aquelas duas personagens do Templo

22 Cf. A. COUTO, *Desafios bíblicos à prática da vida humana cristã*, p. 195.

23 Cf. A. COUTO, *Desafios Bíblicos à prática da vida humana e cristã*, p. 196-197.

de Jerusalém representam o “amor de identidade” que compromete pelo *ἔπος*.²⁴ Trata-se de um amor que deseja o Outro, pertencer ao seu mundo, enquanto ignora o “des-valido”: “*viu, desviou-se e passou ao lado*” (Lc 10.31-32). O Sacerdote e o Levita amam aqueles que já estão dentro do seu mundo afectivo pelo sangue, pelo parentesco ou pelo interesse, mostrando-se desinteressados e desconhecedores dos demais. Estes são os protótipos do “amor de identidade”, onde o Outro é amado, porque já está dentro do meu Eu e me é necessário.

O amor de identidade, simbolizado nos servidores do Templo, é um amor só aparente, que nega a própria realidade do amor, não só porque nele o Outro é definitivamente inalcançável, como também porque nele o Eu fica irremediavelmente irrealizado e, por isso mesmo, alienado.

O amor de identidade é um amor duplamente paradoxal, tanto para o Eu, que em vez de se realizar fica perdido na Lei, nos Profetas e no ritual, quanto para o Outro que, no momento em que é possuído ou incorporado, em vez de estar próximo se revela inaccessivelmente “distante”. Esse é inexoravelmente um não se dar.

O relato de Jesus não contém palavras “piedosas”, parecendo criticar as condutas religiosas do seu tempo e do seu povo, dado que um Sacerdote e um Levita, servidores do Templo, como símbolos da *Torah* (Lei de Moisés), esqueceram a profecia pelas palavras de Oséias: “*Pois, o que eu quero é o amor e não os sacrifícios*”.

Jesus não admoesta o Sacerdote e o Levita, simplesmente descreve a sua “conduta ética” por não terem agido responsabilmente, não se comprometendo no auxílio ao “des-valido” pelo caminho da vida (na doença e no sofrimento): viram e passaram adiante. Esta narrativa do comportamento exemplar (parábola do Bom Samaritano) manifesta-se, na sua tarefa moral, precisamente pela “conduta identitária” representada no Sacerdote e no Levita sem qualquer margem para *ἡ ἀγάπη οὐ ζητεῖ ταῦ εαυτῆς*, (1 Cor 13.5).

O Sacerdote e o Levita estavam eticamente preocupados com a “norma objectiva da moralidade” (*recta ratio*), expressa pela *Torah*, mas pouco “interessados” na consciência concreta do “fazer” (consciência poética).

3. Pela Responsabilidade de Alteridade: O Bom Samaritano

Lucas, ao narrar a “ajuda caritativa” (pela misericórdia) do Samaritano, usa uma série de verbos, pelos quais descreve de “a” a “z” o

²⁴ Cf. C. DI SANTE. *Il Padre Nostro, l'esperienza di Dio nella tradizione ebraico-cristiana*. Assisi: Cittadella Editrice 1995, p. 59-60.

caminho do “amor ao próximo”, feito ação concreta por meio de um “fazer” livre e responsável. Trata-se de um processo de alteridade que Jesus de Nazareth assinala como digno de imitação, por imperativo não categórico, mas como “exigência do Outro”: *πορεύου και σὺ ποίει ὁμοίως*.

O legista (*νομικός*) falava no sentido abstracto da pergunta. Jesus, porém, corrige-o, fazendo ver que não se trata de saber: quem é o meu próximo? Mas, a pergunta concreta será: De quem sou eu próximo? Jesus, assim, realiza uma mudança radical de perspectiva porque, no centro de quem participa da nova Aliança, não deve estar o Eu, mas o Outro de modo concreto.²⁵

A insuperável página, na qual se descreve o “amor de alteridade” como eleição, torna-se possível pela manifestação da *αγάπη* divina, que se revela no perdão do Messias e pelo Desvalido no Caminho para a Cruz no *τόπος* de Jerusalém. É na parábola do Bom Samaritano, segundo Lucas (Lc 10.25-37), que Jesus explica o sentido do duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo, isto é, o segredo para herdar a vida eterna ou, o que será o mesmo, para atingir o sentido objectivo da existência como responsabilidade pelo Outro.²⁶

Para P. Knauer, a narrativa segundo Lucas representa o agir responsável de um Samaritano, dado que toda a parábola é a descrição do “fazer” pelo amor ao próximo. Só, assim, saberemos avaliar aquilo que o Outro necessita.²⁷ O Samaritano nem se pôde a reflectir sobre as suas responsabilidades éticas, “fez” responsabilmente na busca de dar a prioridade ao “des-valido” sobre si. Agiu pelo “estremecimento das vísceras”, por impulsos que eram antes da sua consciência (falando eticamente) e por aquilo que vinha do fundo do coração, porque foi movido pelo Outro (des-valido) como *eventum*. Em última instância, é a exigência divina porque o mundo é o mundo de Deus e é criação de Deus. A fé do Samaritano impele às “obras” ao Des-valido, dado que pressupõe a responsabilidade.

In stricto sensu, a fé cristã não encerra nenhum outro mandamento a não ser os que já foram dados à própria natureza humana. Não aumentará a “obrigação”, uma vez que esta eticamente é absoluta desde o princípio como *ratio insita in natura*. No caso do Samaritano, transparece uma *ratio insita in corde*. O Samaritano não sente o temor, porque foi “impelido ao

25 Cf. P. L. ENTRALGO. *Teoría y realidad del otro*. Vol. II, Madrid, Revista de Occidente 1961, p. 14-15.

26 Cf. C. DI SANTE, *Il Padre Nostro*, p. 59.

27 Cf. P. KNAUER, *Para compreender a nossa Fé*, p. 196.

amor” ao próximo: *η γὰρ ἀγάπη τοῦ Χριστοῦ συνέχει ἡμᾶς* (2Cor 5.14).²⁸

O Samaritano está votado a este chamamento a partir da Palavra de Deus em Jesus Cristo. Foi o “desvalido no caminho”, como resposta de Deus-Pai, que o convocou à “comoção das vísceras”.

Antes de ser, de saber, da compreensão ou da intenção, antes da consciência e da sua liberdade, antes do Mesmo, o “sujeito-para-o-Outro” (Samaritano), como “refém do Outro” (des-valido), está arquioriginariamente “con-vocado” (chamado pelo des-valido no caminho) e votado a esta “responsabilidade de alteridade”, que advém e que está sempre ainda por vir ou prometida.²⁹

Tal como sucedeu com o Samaritano, usando terminologia levinasiana, a responsabilidade é o próprio, a própria espiritualidade, a própria “incondição” de um sujeito auto-heteronomicamente dito, isto é, de um sujeito absoluto e anarquicamente sujeito à anterioridade da “alteridade”. É um sujeito que vem a si, a si-mesmo, respondendo à anterioridade anárquica do Outro como “des-valido” no caminho.³⁰ Surge a resposta responsável, obsessiva ou “in-finita”, como responsabilidade sem começo e ilimitada. A responsabilidade é o que exclusivamente me incumbe e que humanamente não posso recusar. Este fardo ou tarefa é a suprema dignidade do único Eu. E sou Eu na justa medida em que sou responsável.³¹

Essa responsabilidade não é um acto deliberado e assumido ou um predicado da consciência, segundo a leitura de Lévinas, mas “trauma sofrido”. A responsabilidade aparece como fardo absoluto, que consagra a suprema dignidade do único. Logo, a sujeição do sujeito, da substituição até à expiação, é eleição pela responsabilidade e para a responsabilidade de alteridade. A eleição, pela anterioridade do Bem para a bondade do Bem ou para o “des-interesse”, no cuidado absoluto e absolutamente desinteressado pelo Outro, encontra-se no paradigma de alteridade.

O Samaritano, diferentemente do Sacerdote e do Levita, sendo estrangeiro e mal-visto, por razões étnicas e culturais e ainda como inimigo, é o representante do “amor de des-interesse”, pelo qual o Outro não é homogéneo ao próprio projecto, mas rompe-o e coloca-o ao seu serviço. Detendo-se e inclinando-se perante o “desvalido” (semi-morto), que encontrou no caminho, o Samaritano não somente não O prende dentro do

28 Cf. *Ibidem*, 197.

29 Cf. C. CHALIER. *Les Matriarches*. Paris: É. du Cerf, 1986, p. 64.

30 Cf. B. FURGALSKA. Responsabilità per l'Altro come fedeltà all'humano nella filosofia di E. Lévinas. In: *Sapientia*, 55 (2002), p. 214-215.

31 Cf. E. LÉVINAS, *Éthique et Infini*, p. 97.

seu projecto, bem como O “vê” no seu projecto, que irrompe e se re-define, não já como uma “auto-realização”, mas como um “serviço”. O amor de alteridade, como de irmão, dado pela responsabilidade arquioriginariamente considerada, do qual o Samaritano é a imagem narrativa, não conleva o Outro (des-valido) ao horizonte do Eu, mas antes converte o Eu ao serviço do Outro.³²

O amor de alteridade, na sua “resposta ética” (responsabilidade pelo Outro), aproxima-se do Outro, não para se realizar, mas antes para vivenciar o Outro, não para se projectar, mas para “cuidar” do Outro e fazê-lo ser. Pela parábola de Lucas, a “responsabilidade de alteridade”, que julga e que redefine qualquer Outro, será a de “des-identidade”, única que aproxima do Outro e aproximando-se do Outro realiza o próprio Eu, revelando-lhe a sua “autenticidade”.

O amor de alteridade, colocando o Eu ao serviço do Outro e fazendo morrer a sua própria identidade, será “fazendo” para a “vida eterna”, numa vida com densidade divina, libertada da aparência e arraigada na permanência.³³ O Bom Samaritano é um hino à responsabilidade de alteridade, constituindo-se como “invocação” do Desvalido no Caminho.

O “ver” do Samaritano vem depois do chegar junto dele. Não é logicamente um “antecedente” (aproximo-me de ti porque te vejo), mas antes uma consequência (vejo-te porque me aproximo de ti).

O Samaritano não viu o “des-valido”, no caminho, como se vêem objectos, mas ouviu a sua voz silenciosa e foi precisamente, porque lhe obedeceu, que respondeu *Εγώ εἰμι ἄνθρωπος*. Logo ficou na “implicação” e “invocação” de vê-lo e compadeceu-se (amor entranhado) dele. Interrompeu a sua viagem, cuidou dele, perdeu tempo e dinheiro.³⁴

O Samaritano não vive para si e a partir de si, debruçado sobre si mesmo, como diz A. Couto, renunciando às suas palavras dentro do seu arco projectural e instintivo, dado na *επιθυμία*, mas vive para o Outro e a partir do Outro (des-valido ou semi-morto no caminho), não com o objectivo de proveito próprio ou de lucro, mas “autodestituindo-se” para servir incondicionalmente o Outro, para dar vida ao “Outro”. O Samaritano sente a *θυσία* que, segundo P. Ricoeur, é a “humanidade do coração”.

Tendo-se aproximado daquele *ἄνθρωπός τις* (meio morto), sem poder, sem dizer, sem grito e sem gemido, sem fala e sem gestos, o Samaritano sentiu-se interpelado por uma “invocação” (responsabilidade originária) ou por um mandamento que o ordenou: “cuida de mim, salva-

32 Cf. C. DI SANTE, *Il Padre Nostro*, p. 60.

33 Cf. *Ibidem*, p. 61.

34 Cf. A. COUTO, *Desafios bíblicos à prática da vida humana e cristã*, p. 196.

me!” Ali estava “um homem” que se entregava completamente àquele Samaritano, deixando a sua vida nas mãos deste (tal como se entrega o paciente nas mãos do médico).

Mas, como *eventum*, o “des-valido” nada faz, nada diz, não eleva a voz, porque não tem voz, não reivindica nada. Contudo, “está” e “é” no silêncio da beira da estrada. Eu ouço a sua “voz”, o seu apelo que me “ordena” num mandamento e logo estou na “invocação do Outro” que é a responsabilidade.³⁵

Ouçõ continuamente um mandamento fortíssimo, não condicional (“se quiseres podes curar-me”); mas, antes, um *eventum* incondicional (“salva-me”), que me obriga a sair de mim, a “des-prender-me” e a tomar uma decisão indeclinável.³⁶

Aquisurge, segundo o espírito de Lévinas, uma instauração relacional com o Outro, da qual sou sempre “responsável”, independentemente de qualquer ligação prévia e da própria reação de acolhimento ou de recusa. E, finalmente, revela-se a “responsabilidade” que é dar prioridade ao Outro e é dar-se inexoravelmente. É uma responsabilidade que renuncia aos seus direitos, como se apercebe na viagem do Samaritano pelos “caminhos tortuosos” da Judéia.

A minha resposta positiva, para “certo homem” meio morto, não se inscreve no horizonte da animalidade, da necessidade e da espontaneidade. Pois, não há nele qualquer valor que nos seduza, que satisfaça os meus desejos ou que realize os meus projectos. Mas, ouvimos um “mandamento”, o maior dos mandamentos que não provém da ponta de uma arma ou de qualquer outra coação exterior. Porém, vem daquele homem “meio morto” que, na sua pobreza e impotência, aparece-me como verdadeiro soberano.³⁷

Assim, entregando-se a mim, ordenou que Eu me entregasse livremente a Ele, concedendo-me a liberdade e instituindo-me como sujeito de responsabilidade indeclinável por Ele.

Daqui se conclui que o verdadeiro beneficiado é o “Samaritano”, a quem o homem “meio morto” abriu um novo e original horizonte que ultrapassa a necessidade ou a contingência. Este horizonte de gratuidade e de liberdade, para o amor de alteridade, não será de *έρος*, mas de *αγάπη*.³⁸

Porém, a responsabilidade é apelo e sinal de “proximidade”. A parábola do Bom Samaritano revela que a proximidade do estrangeiro

35 Cf. *Ibidem*, p. 198.

36 Cf. *Ibidem*, p. 199.

37 Cf. C. DI SANTE. *Responsabilità, l'Io per l'Altro*. Roma: E. Lavoro 1996, p. 33.

38 Cf. A. COUTO, *Desafios bíblicos à prática da vida humana e cristã*, p. 199.

não brota da visão, pois está antes da “visão” e vem da “escuta”, não se produzindo diante do Outro, como objecto, nem como simples sujeito; mas, perante o Outro, como “apelo” que me precede e me institui como “próximo”.³⁹

Finalmente, o Rosto do Outro faz-me sentir não só o “peso” da minha unicidade, porque na sua presença eu sinto-me único e eleito, mas também responsável sem limites pela sua miséria.⁴⁰ O Outro, como “semi-morto” da parábola, elege-me e manda-me. Eu (Samaritano) não sou Eu pela minha liberdade, nem pela minha consciência, mas Eu sou Eu na medida em que obedeço a esta eleição que, pela “comoção das entranhas”, confere-me a unicidade e a subjectividade.⁴¹ A positividade do Infinito (Pai das misericórdias) é a “conversão” em responsabilidade poiética (fazer misericordioso pela revolução das vísceras) e em aproximação do Outro ao Samaritano (estrangeiro), como descreveremos no próximo capítulo, para modelo da humanização pelo “compromisso esplancofânico” ao Desvalido no Caminho. O Infinito manda-me a mim, pela minha própria voz e, nesse sentido, Ele, que é o mais exterior, faz-se voz interior. É *eventum* de responsabilidade. A glória do Infinito celebra-se no meu dizer: *Εγώ ειμι □ αυτός*.

O dar-se inexoravelmente do Samaritano ao Desvalido foi a prioridade ao Outro. Mas, esta “entrega” (*Vergabe*) fez-se (*τί ποιήσας*) pela comoção das vísceras (entranhas), que está no centro do próximo capítulo, no qual se descreve a proximidade ao Desvalido como “modelo esplancofânico”.

III. CONCLUSÃO

Segundo Lévinas, a responsabilidade é o que exclusivamente me incumbe e que, humanamente, não posso recusar. O Samaritano não recusou o Desvalido. O Sacerdote e o Levita não O receberam e não se entregaram ao “semi-morto”. Este encargo é uma suprema dignidade do único Eu, não intercambiável porque sou Eu apenas na medida em que “sou responsável”. Pela responsabilidade posso substituir-me a todos, mas

39 Cf. *Ibidem*, p. 200.

40 Cf. O. TUDISCO. L’Io e l’altro secondo G. Duns Scoto e E. Lévinas. In: *Antonianum*, 71 (1996), p. 265-302; Cf. M. RENAUD. A Intimidade e a Alteridade da Pessoa. In: *Cadernos de Bioética*, 7 (1994), p. 29-30.

41 Cf. E. P. Lopes NUNES. O Rosto e a passagem do Infinito, originalidade no pensamento levinasiano. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, 47 (1991), p. 40-41.

ninguém pode substituir-me. A minha responsabilidade não cessa, ninguém pode substituir-me. Ninguém substituiu aquele Samaritano. Trata-se, pois, de afirmar a própria identidade do ser humano na “responsabilidade” (anárquica), isto é, a partir da posição ou da deposição do Eu soberano na consciência de si, deposição que é, precisamente, a responsabilidade por Outrém.

Lendo a parábola, pelo pensamento de Lévinas, no Samaritano encontramos representada a “responsabilidade de alteridade”, dado que este deu “prioridade” ao Outro (Desvalido no Caminho) num “despojar-se de si” inexoravelmente.

Tendo-se aproximado de “certo homem” (*ἀνθρωπός τις*), “meio morto”, sem nenhum poder, nem dizer, o Samaritano sentiu-se interpelado por um mandamento: “cuida de mim, salva-me!...” Estava ali *ἀνθρώπος τις* que se entregava completamente ao Samaritano, deixando toda a Sua vida nas mãos deste, porque a este se “comoveram as vísceras”.

A parábola mostra-nos que a proximidade do Samaritano não surge da visão, mas está antes desta, produzindo-se diante do Outro como “apelo” (*Eingabe*) que me precede e me constitui como “próximo”.

Mas, o próximo, segundo a parábola do Bom Samaritano, é o *ημιθανῆ*, que será o mesmo que encontro no meu caminho, no hospital, na soleira da minha porta e que me institui na condição do dom e da responsabilidade. A parábola mostra outra responsabilidade, a de identidade, que será dada inexoravelmente no Sacerdote, no Levita, no *νομικός* e nos salteadores. Todos estes personagens com “fazer” de identidade representam a “não-proximidade”.

A novidade deste capítulo encontra-se, pela fenomenologia bíblica de Lévinas, na afirmação da “passividade do sujeito”, que tem como sua metáfora o Desvalido no Caminho (Jesus Cristo), que está sem voz, sem poder e sem forças.

Dialecticamente, poderemos decifrar o conteúdo da parábola pelo pensamento de Lévinas da seguinte forma:

Esta “passividade” determina um “fazer” dado num mandamento: *Εγώ εμὶ αὐτός* perante um *ἴδου □ ο ἀνθρώπος*. A responsabilidade de alteridade será a grande síntese da passividade à proximidade. Mas, a passividade da passividade tem nome: um Deus numa Cruz (Desvalido no Gólgota).

A “comoção agápica”, que vem de fora (*ad extra*), impulsionou no Samaritano a “consciência plesiológica”, não referida como sentimento

de si, nem como capacidade de elaborar, sobre o “meio morto”, juízos axiológicos ou teleológicos. De forma original, poderemos asseverar que o Samaritano “faz”, com esmero e honestidade, “tarefas” que, de forma imediata e concreta, executaram-se sem o conhecimento intuitivo e são desempenhadas sem necessitar da faculdade de avaliar eticamente o agir humano (*Bewusstsein*), embora esteja subentendida. Mas, pelo “fazer” surge um novo aspecto da “consciência moral” que se inicia pelo *τί ποιήσας* (Lc 10.25) e se denominará como “consciência plesiológica”. A proximidade da proximidade no apelo ao “fazer”, por influência do pensamento levinasiano, leva o Samaritano a executar, com sentido agápico, “tarefas” (*Aufgaben*) ao “semi-morto”, sem viver pela “consciência moral”, nem mesmo sem saber quem era este “desvalido no caminho”.

A humanização, em saúde, é uma “narrativa plesiológica” na qual se vivenciam e descrevem as manifestações concretas do “amor entranhado”.

Finalmente, a humanização implica uma “vocação plesiológica” porque fruto do chamamento dialogante entre um Desvalido no Caminho e um Bom Samaritano. Este novo paradigma pode aplicar-se a todos os domínios da nossa vida, e apanha-nos quase sempre em flagrante delito, desestabilizando todos os nossos estabelecimentos. Vê-se bem que teremos de mudar tudo, dado que o doente tem prioridade sobre o senhor administrador, sobre o senhor doutor, o senhor enfermeiro, o senhor...